

DARCY RIBEIRO E O POVO BRASILEIRO

Sidinei Pitban da Silva *

Celso José Martinazzo **

Hedi Maria Luft ***

RESUMO: O presente estudo configura-se como uma leitura da obra de Darcy Ribeiro, intitulada *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. É investigado, por meio dela, o tema da formação e do sentido do Brasil. O estudo é de caráter bibliográfico, com enfoque hermenêutico. Trata-se de uma abordagem que busca compreender o enfoque teórico-metodológico utilizado por Ribeiro na produção da escrita historiográfica, bem como analisar o próprio conteúdo desta produção em relação à caracterização da sociedade brasileira. Compreende-se, com tal empreendimento, o valor original do método na produção de uma escrita historiográfica sobre a constituição do povo brasileiro, o qual procura evidenciar a necessidade de uma teoria social crítica para entender nossa constituição histórica e cultural em caráter não etnocêntrico. Após a leitura da obra, compreendemos melhor o Brasil atual, e nos tornamos mais conscientes das matrizes históricas que constituem a exploração de classe, a dominação cultural e a discriminação étnica e racial.

PALAVRAS-CHAVE: História do Brasil. Povo brasileiro. Darcy Ribeiro.

DARCY RIBEIRO AND THE BRAZILIAN PEOPLE

ABSTRACT: This study is configured as a reading of Darcy Ribeiro's work entitled - *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (The Brazilian people: the formation and meaning of Brazil). It is through this reading that the theme of the formation and meaning of Brazil is investigated. The study is of a bibliographical nature, with a hermeneutic approach. It is an approach that tries to understand the theoretical-methodological focus used by Ribeiro in the production of the historiographical writing, as well as to analyze the content of this production itself in relation to the characterization of Brazilian society. With such an undertaking, the original value of the method in the production of a historiographical writing on the constitution of the Brazilian people is understood, which seeks to highlight the need for a critical social theory to understand our historical and cultural constitution in a non-ethnocentric way. After reading the work, we have a better understanding of today's Brazil, and we have become more aware of the historical matrices that constitute class exploitation, cultural domination, and ethnic and racial discrimination.

KEYWORDS: History of Brazil. Brazilian People. Darcy Ribeiro.

* Doutor em Educação (UFPR). Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Brasil). <http://unijui.edu.br>. <http://lattes.cnpq.br/8709044822441696>. E-mail: sidinei.pitban@unijui.edu.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6400-4631>

** Doutor em Educação (UFRGS). Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Brasil). <http://unijui.edu.br>. <http://lattes.cnpq.br/4786467654675694>. E-mail: martinazzo@unijui.edu.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9995-8224>

***Doutora em Educação (UNISINOS). Faculdade de Balsas/Unibalsas (Brasil). <http://unijui.edu.br>.
<http://lattes.cnpq.br/8722880713063414>. E-mail: hedi@unijui.edu.br
E-mail: <https://orcid.org/0000-0002-9691-1268>

Introdução

Este estudo objetiva investigar a formação e o sentido do Brasil a partir da obra *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, de Darcy Ribeiro (1995). Trata-se de um estudo hermenêutico e crítico, que procura tematizar a constituição do Brasil enquanto povo. A escolha por este autor se justifica em razão de que ele confere um olhar macro para a história do país, ao mesmo tempo em que investiga sua regionalidade. Duas perguntas centrais nos desafiam nesta investigação: Como Darcy Ribeiro (1995) compreende o significado e o sentido da constituição do povo brasileiro do ponto de vista historiográfico? Como Darcy Ribeiro (1995) narra o processo civilizatório (nascimento e gênese) do Brasil, na interface do encontro e conflito de diferentes etnias ou dos vários “brasis”?

Estas questões nos orientam para a leitura da obra, e nos permitem pensar o significado e o sentido da constituição do “Povo Brasileiro” conforme nos apresenta Darcy Ribeiro (1995). Outrossim, nos orienta para um tipo de abordagem hermenêutica e crítica que investiga o método e a perspectiva utilizada pelo autor para abordar os temas referentes à história, numa interpretação que abre para o que é tematizado por ele, mas que também questiona o não dito. Enfim, o texto pretende adentrar o tema da forma de como se constitui o sentido e a formação do “Povo Brasileiro”, a partir de um autor que se defronta com a crise civilizatória do Brasil. Resta-nos saber, a partir deste escrito, os desafios para continuar pensando nossa identidade na interface deste povo que é denominado brasileiro.

A pesquisa se orienta por uma perspectiva qualitativa e interpretativa. O enfoque utilizado ampara-se na abordagem hermenêutica, que, tal como o sugerido por Gadamer (1999), exige um trato conceitual e interpretativo acerca da obra do autor, evidenciando, pela via da compreensão, as ideias nucleares ou mesmo as categorias centrais do autor, que permitem pensar o significado e a emergência dos conceitos utilizados para explicitar a ideia de “Povo Brasileiro”, bem como de “formação e sentido do Brasil”. Para tanto, em um primeiro momento iremos tematizar “a forma”, ou, as questões de método utilizadas pelo autor, e em um segundo momento, trataremos de analisar os “conteúdos” da obra *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (RIBEIRO, 1995).

Escrita e história: o percurso teórico-metodológico de Darcy Ribeiro

Neste primeiro momento do texto, cumpre apresentar o percurso teórico-metodológico realizado por Darcy Ribeiro (1995) no processo de escrita da história da sociedade brasileira. Trata-se de tentar entender como o referido autor compreende o significado e o sentido da constituição do povo brasileiro a partir de sua “forma” de tematizar a própria história. Para tanto, tentamos compreender o contexto em que o livro emerge na vida de Darcy Ribeiro para, em seguida, explicar o objeto central da obra e o enfoque teórico-metodológico utilizado. Arriscamo-nos esboçar a tese de que o enfoque possui um caráter interdisciplinar e que transita entre uma abordagem crítica da civilização ocidental, bem como de

uma abordagem crítica da sociedade, ambas construídas em razão da vida pública que teve o autor, a qual lhe desafiou existencialmente a estabelecer outra forma teórica de entender o Brasil.

Darcy Ribeiro tem uma preocupação existencial com a escrita do livro. Segundo ele, “não era já a síntese que me propusera. Era, isto sim, a versão resultante de minhas vivências nos trágicos acontecimentos do Brasil de que havia participado como protagonista” (RIBEIRO, 1995, p. 13). O autor se interroga no livro acerca das razões do golpe militar de 1964 e, neste caso, o livro aparece como uma tentativa de explicar e entender o Brasil. Em suas palavras, torna-se possível compreender o motivo de fundo da obra: “Esse era o nervo que pulsava debaixo do texto, a busca de uma resposta histórica, científica, na arguição que fazíamos nós, os derrotados pelo golpe militar. Por que, mais uma vez, a classe dominante nos venceu?” (*Ibidem*).

Como se percebe, a intenção do autor é a de compreender a História do Brasil, e a própria escrita se confunde com a vida do autor, uma vez que ele foi exilado pelo governo militar em 1964 por ter sido Ministro da Educação e Chefe do Gabinete Civil de João Goulart. Darcy Ribeiro, nesta função pública, tinha a árdua tarefa de coordenar o Movimento Nacional pelas Reformas de Base. É possível entender as dores e dramas que alimentam a vida existencial do autor ao escrever esta obra, visto que ele não queria uma teoria da história tradicional, pois considerava todas as existentes “eurocêntricas demais” (RIBEIRO, 1995, p. 13). Nesse sentido, no entendimento de Martinazzo, Silva e Luft (2020, p. 483),

O antropólogo em questão, igualmente, dedicou grande parte de sua vida a pesquisar e a escrever sobre a formação sociocultural do Brasil, em especial sobre a realidade indígena. Nos seus escritos podemos encontrar muitos subsídios sobre a realidade latino-americana, bem como sobre a participação dos índios, negros e mestiços no processo de formação e desenvolvimento sociocultural do povo brasileiro. Algumas de suas obras, como *O Processo Civilizatório* (1998), *As Américas e a Civilização: processo de formação e causas do desenvolvimento cultural desigual dos povos americanos* (2007), *Os índios e a civilização* (2017), *O Dilema da América Latina: estruturas do poder e forças insurgentes* (1979) e *Os brasileiros: Teoria do Brasil* (1975), foram escritas na década de 80 e são consideradas, por ele próprio, como estudos de antropologia da civilização. Essas e muitas publicações do autor, as quais foram traduzidas para outros idiomas por seu caráter de ineditismo, permitem-lhe constituir fundamentos teóricos que ajudam a tornar o Brasil explicável e, por conseguinte, alimentam sua obra principal, que é *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (2014), escrita em 1995.

Antes, porém, de ser apenas um texto acadêmico, esta última obra é um esboço do sentimento e do entendimento do autor sobre a moralidade que instituiu o Brasil, e, por este motivo, possui dimensões éticas e políticas claras e assumidas. “Este é um livro que quer ser participante, que aspira influir sobre as pessoas, que aspira ajudar o Brasil a encontrar-se a si mesmo” (RIBEIRO, 1995, p. 17). Darcy Ribeiro se coloca existencialmente na obra e imagina com ela deixar seu registro na construção de “uma nova luta por um Brasil decente” (RIBEIRO, 1995, p. 17).

O livro tem como objeto a constituição do Brasil e dos brasileiros. O autor busca reconstituir a gênese da sociedade brasileira na confluência de grandes culturas – Europeia – Ameríndia – Africana. Os

brasileiros não são os portugueses, os negros, ou mesmo os ameríndios, mas forjados, principalmente, por estas culturas e etnias. Assim, o Brasil e o brasileiro são investigados sob a ideia de um povo e de uma nação que se diferencia, na sua constituição, dos povos lusitanos, europeus e africanos em geral. Compreender a forma como se institui um Brasil uno e diverso, marcado por desigualdades e diferenças econômicas, sociais, culturais, ambientais e políticas, torna-se a centralidade da obra.

Nela, depositam-se elucidações teóricas gerais e amplas sobre o processo civilizatório do Brasil, bem como explicações teóricas particulares e específicas de sua constituição regional enquanto nação. Igualmente, lembrando Walter Benjamin¹, a obra parece representar uma espécie de história a contrapelo, no sentido de que nossas mazelas atuais são compreendidas em sua produção histórica. Darcy Ribeiro (1995) vive o presente do Brasil e, sem deixar de estar nele, tematiza como chegamos até ele. Não é uma letra morta, mas uma palavra viva que anima a escrita do autor, conforme nos ensinou Bakhtin (2009)², o que torna o valor da obra uma presença viva e política no imaginário de nosso tempo. A gênese da sociedade e da cultura brasileira torna-se, portanto, o ponto unificador de toda obra.

Neste sentido, Ribeiro é antropólogo, por pensar sobre o homem e a cultura e por ter buscado compreender a experiência de vida dos povos indígenas que constituem o Brasil; é historiador, por pensar a gênese histórica e civilizacional do homem, da cultura e da sociedade; é sociólogo, por pensar a estruturação de uma sociedade em sua interface com a vida econômica, social, cultural, histórica e política; é filósofo crítico, por se perguntar acerca de quem somos identitariamente e buscar problematizar a forma como fomos descritos pela historiografia oficial; e, por fim, é político, por entender que a história (e o curso do mundo e das sociedades humanas) está sendo, permanentemente, escrita pelos homens (MARTINAZZO; SILVA; LUFT, 2020, p. 484).

Neste sentido, emergem na revisão bibliográfica da obra autores que versam sobre a vida dos índios, dos negros, dos lusitanos e dos imigrantes, no contexto de emergência e constituição do Brasil. Todos os escritos estudados são organizados sob a perspectiva de Darcy Ribeiro, que, de forma original, as situa na interface da problemática econômica, social, cultural e política que vive a sociedade brasileira ao longo de cinco séculos, e que permitem gestar algo novo: o povo brasileiro. Realizar a crítica da gênese das relações sociais e culturais do Brasil parece ser a forma encontrada por ele para entender a forma desigual pela qual se distribuiu o poder no Brasil. As fontes utilizadas pelo autor, portanto, percorrem a historiografia em geral, valendo-se, desde escritos de freis lusitanos como também de antropólogos, geógrafos, historiadores, sociólogos, literatos, filósofos e economistas.

¹ “Não há documento de cultura que não seja também documento de barbárie. E, do mesmo modo que ele não pode libertar-se da barbárie, assim também não o pode o processo histórico em que ele transitou de um para outro. Por isso o materialista histórico se afasta quanto pode desse processo de transmissão da tradição, atribuindo-se a missão de escovar a história a contrapelo” (BENJAMIN, 2012, p. 13).

² “A memória da história da humanidade está cheia destes signos ideológicos defuntos, incapazes de constituir uma arena para o confronto dos valores sociais vivos. Somente na medida em que o filólogo e o historiador conservam a sua memória é que subsistem ainda neles alguns lampejos de vida” (BAKHTIN, 2009, p. 46).

Sob este espectro, torna-se possível encontrar no mínimo duas grandes abordagens teóricas de Darcy Ribeiro (1995) nesta obra: a primeira delas especifica o processo civilizatório brasileiro; a segunda, a constituição da sociedade brasileira. Ambas as perspectivas se valem de campos conceituais matizados pela abordagem antropológica e pela abordagem filosófica e sociológica. A linda síntese neste tipo de análise articula-se na própria leitura da história do Brasil. O autor (1995) não quer compreender apenas nossas matrizes culturais e étnicas, tampouco apenas explicar os modos de produção e forças de produção; não quer também apenas descrever a história política do país, explicitando os vários momentos e os grandes personagens que fizeram parte dela. Da mesma forma, não quer mostrar que há vários “brasis”, e que cada um deles é um mundo à parte.

Darcy Ribeiro parece querer pensar o problema do Brasil: a) na interface da cultura, e então sinalizar para o problema do eurocentrismo; e b) na interface da economia, e então sinalizar para as formas e os diferentes significados da dominação de classe que se estabeleceram no Brasil durante os vários ciclos econômicos: do pau-brasil, do açúcar, da mineração, da pecuária, da agricultura, do café, do algodão, da borracha, da industrialização, da soja e do trigo (MARTINAZZO; SILVA; LUFT, 2020, p. 484).

Darcy Ribeiro parece se aproximar aqui da tese de Enrique Dussel (1993) sobre a Descoberta da América e o encobrimento do outro. O foco é o problema da cultura.

O desafio de escrever a obra *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (2014), provoca-o a fazer uma crítica ao processo de civilização, uma vez que situa o movimento do mundo como um processo condicionado ou produzido pela expansão da cultura europeia, a qual silenciou a voz e as manifestações culturais de outros povos. O foco gira em torno da questão da cultura. Os conceitos de matrizes étnicas, enfrentamento dos mundos, processo civilizatório, criatório de gente, cunhadismo, cor, preconceito, raça, transfiguração étnica, brasil crioulo, caboclo, sertanejo, caipira, sulino remetemos para esta dimensão cultural constitutiva da história social e política do Brasil (MARTINAZZO; SILVA; LUFT, 2020, p. 484).

Darcy Ribeiro, em uma perspectiva sociológica, realiza uma crítica da sociedade mercantil e capitalista moderna. O espectro de fundo, aqui, se aproxima da abordagem marxiana, no sentido de denunciar e explicar não somente a dominação cultural, como, fundamentalmente, a dominação política e de classe constitutiva da sociedade brasileira (VASCONCELLOS, 2015). Os conceitos de classe, poder e economia são transversais na obra, o que permite compreender a abordagem social e econômica que Darcy Ribeiro (1995) faz da história cultural do Brasil. Enfim, fica compreendido que estas duas grandes abordagens conceituais conferem um valor original e singular da obra, a qual, sem ser culturalista e economicista, interpreta a história social, política e identitária do povo brasileiro.

O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil

Neste segundo momento do texto, é importante apresentar os principais conceitos esboçados por Darcy Ribeiro quando de sua tentativa de entender a constituição e o sentido do povo brasileiro. Se o primeiro movimento do texto foi a realização de uma leitura da forma utilizada pelo autor, agora trata-se de investigar o próprio conteúdo constitutivo da obra. O autor organiza o livro em quatro partes principais: o novo mundo, gestação étnica, processo sociocultural e os brasis na história. A partir desta explicitação, tentamos entender como Darcy Ribeiro narra o processo civilizatório (nascimento e gênese) do Brasil, na interface do encontro e conflito das diferentes etnias: indígenas, negros e europeias.

Na primeira parte da obra, o autor discute o novo mundo, tematizando as matrizes étnicas que constituíram o Brasil, e as diferentes visões destas matrizes étnicas no contexto do processo civilizatório global. Neste capítulo, o autor evidencia e reconstrói as visões de mundo, não somente as diferentes, mas as opostas, que estavam em choque no encontro cultural entre os europeus e os ameríndios, evidenciando, assim, o choque cultural e o conflito que assinalam a gênese da matriz cultural brasileira.

Na segunda parte, intitulada *gestação étnica*, o autor evidencia a forma como os lusitanos incorporaram os indígenas e os negros africanos na produção social da vida colonial brasileira. Igualmente, o autor tenta explicar como nasceu o brasileiro, que não é mais um lusitano, tampouco um negro ou um indígena, mas uma síntese sociocultural destes.

Na terceira parte da obra, intitulada *processo sociocultural*, o autor sinaliza para os conflitos étnicos, raciais e de classe que assinalam a história do Brasil. Tematiza, também, a forma em que se configura a empresa Brasil, em seu sentido escravista, latifundiário, monocultor e mercantil. Trata-se de explicar a dimensão econômica da vida colonial portuguesa no Brasil, a qual submete a economia da colônia aos interesses empresariais de Portugal, feito este que o autor realiza não apenas com grandes explicações sociológicas, mas, com uma densidade antropológica, que explicita a vida dos que aqui viviam em seus pormenores. Neste tópico o autor aventa, também, em estilo semelhante ao que faz Braudel (2005) em sua obra, uma descrição demográfica e geográfica da vida material da sociedade brasileira, explicando a emergência das cidades e do processo de urbanização. Ainda, submete à análise o problema de classe, raça e cor que constitui o processo da síntese sociocultural do Brasil.

Na quarta parte da obra, o autor tematiza e busca entender a forma distinta de formação e de construção dos vários brasis na história. Darcy Ribeiro sinaliza para cinco grandes formas regionais de expressão do Brasil: Brasil Crioulo, Brasil Caboclo, Brasil Sertanejo, Brasil Caipira e Brasil Sulino. O autor entende que realizar uma história do local possibilita o entendimento da história onde realmente ela acontece; por este motivo, sua opção por uma história regional nesta parte da obra.

O Brasil Crioulo manifesta-se na sua relação com a produção do açúcar, e constitui uma relação social e cultural (senhor e escravo), que se configura em torno dos engenhos. Este Brasil compreende a faixa litorânea do Nordeste, que vai do Estado do Rio Grande do Norte ao Estado da Bahia.

O Brasil Caboclo compreende o processo de expansão e colonização da Bacia Amazônica. O autor mostra como viviam os habitantes indígenas desta região e as formas que a mesma foi assumindo

após o processo de exploração econômica da borracha. Do mesmo modo, emergem certos tipos de relações sociais entre os portugueses, os neobrasileiros mestiços e os índios, sendo que os últimos participam como escravos do processo e tornam-se dóceis após os períodos de aldeamentos missionários.

O Brasil Sertanejo parece compreender o Nordeste em sua região agreste e no semiárido, e o Brasil central, dos planaltos com campos cerrados. Trata-se de uma economia essencialmente pastoril, feita em currais, voltada à produção de carne, couro e boi de serviço. O sertanejo apresenta-se como uma forma de vida cultural e econômica ligada ao pastoreio, a qual estabelece certas relações de poder entre vaqueiros e donos de terras. Outras formas também se desenvolveram neste cenário, como a meação de terras, onde predominava a agricultura, e em outros, com a dedicação a atividades extrativistas.

O Brasil Caipira se constitui na relação entre paulistas e índios. Darcy Ribeiro (1995) mostra a forma de vida desenvolvida nesta região do país, na qual os paulistas antigos convivem com povos indígenas, numa economia de subsistência de base tribal. O autor mostra um núcleo paulista disposto a conquistas, que se lança nos matos e no sertão no século 17, tendo como grande alvo os indígenas em aldeamentos missionários. Esta forma de vida produz uma miscigenação típica, na qual se fundem portugueses e índios, onde predomina a força da cultura dominadora e o modo colonial e escravista. Emergem, neste contexto, no século seguinte, a busca pelo ouro e a atividade mineradora, condição que possibilita uma urbanização e a emergência de uma classe social intermediária, bem como o fortalecimento de uma nova forma de agricultura diversificada.

Surgem, também, os movimentos de contestação da forma colonial assumida, propondo uma República no Brasil seguindo o molde norte-americano. Ribeiro (1995), sobre essa questão, explica também o processo de miséria ocorrido após a crise da mineração e o posterior surgimento do processo de cultivo de café no sistema de fazendas. O autor analisa que é com a vinda do imigrante que se insere o assalariamento rural no Brasil. O negro, o índio e o mestiço não conseguem tirar proveito desta nova condição social. A emergência do Estado Brasileiro se subordina à vida dos grandes produtores de café, que tudo fazem para colocá-lo a serviço de seus interesses.

O Brasil Sulino constitui-se na interface entre o movimento dos paulistas, que o incorporam ao resto do Brasil, a vinda dos jesuítas, os indígenas que aqui habitavam, os açorianos, os gaúchos das zonas de campos e a formação gringo-brasileira dos descendentes de imigrantes europeus. Torna-se o Brasil Sulino o mais pluriétnico existente, uma vez que se constitui de um caldo cultural muito amplo, que nasce pelas mãos dos jesuítas e pela pretensa forma de colonização ambicionada pela Coroa Portuguesa para manter este território sobre seu domínio.

Considerações finais

A obra *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, de Darcy Ribeiro (1995), consiste num claro esforço do autor em pensar o Brasil a partir de sua história. O último tópico do livro, intitulado “o destino

nacional”, pode ser compreendido como a síntese de todas as partes anteriores. Nesta, o autor parece querer responder às questões que se apresentavam na introdução e nos capítulos anteriores: Como entender nossa identidade enquanto povo e como pensar nossa constituição social? Onde se coloca nossa possibilidade de liberdade? Quando nos tornamos um povo capaz de projeto próprio? Estas parecem ser questões de fundo, retomadas nas considerações finais.

Elas possuem um horizonte político e ético e são assumidas pelo autor a partir de uma perspectiva crítica da civilização ocidental e do capitalismo moderno. Este caminho permite reescrever a teoria social do Brasil, intuito maior do autor. Em sua leitura, não somos um povo transfigurado da Europa ou da África, mas, somos, sim, um povo novo, uma civilização nova, em processo de ser, mas impedidos de sê-lo (RIBEIRO, 1995, p. 453). Em suas palavras:

Não há, nunca houve, aqui um povo livre, regendo seu destino na busca de sua própria prosperidade. O que houve e o que há é uma massa de trabalhadores explorada, humilhada e ofendida por uma minoria dominante, espantosamente eficaz na formulação e manutenção de seu projeto de prosperidade, sempre pronta a esmagar qualquer ameaça da ordem social vigente (RIBEIRO, 1995, p. 452).

Esta leitura só é possível a partir do entendimento da forma como o Brasil foi inserido no movimento da sociedade mercantil e capitalista moderna. Índios, negros e mestiços brasileiros tornaram-se subordinados aos interesses da produção. O processo colonial foi um processo escravista e exploratório, que subordinou índios, negros e mestiços aos interesses dos povos estrangeiros e, por isso, nunca houve aqui um povo livre. O movimento da prosperidade empresarial brasileira nunca chegou a atingir seu povo, mesmo o conceito de povo nunca alcançou todos os trabalhadores, atribuindo-lhes direitos. “Nem mesmo o direito elementar de trabalhar para nutrir-se, vestir-se e morar” (RIBEIRO, 1995, p. 447).

Mas, quem plasma a etnia brasileira e promove sua integração na forma de um Estado-Nação é uma “massa de mulatos e caboclos, lusitanizados pela língua portuguesa” (RIBEIRO, 1995, p. 448). Quando os imigrantes europeus e asiáticos aqui chegaram, o Brasil já estava maduro, o que possibilitou incorporar estes grandes contingentes na “condição de brasileiros genéricos” (*Ibidem*). Nosso formato identitário e cultural parece ser o de uma nova romanidade, “uma romanidade tardia, mas melhor, porque lavada em sangue índio e sangue negro” (RIBEIRO, 1995, p. 453). Este parece o nosso destino e nossa origem civilizacional.

Em suma, o autor parece ter nos ajudado um pouco para nos propiciar o entendimento de onde viemos e como nos plasmamos enquanto povo, sociedade, cultura e nação. Outrossim, parece ter nos mostrado nossas misérias e nossas contradições históricas. Após ler o livro, somos outros, muito mais sensíveis para os processos de discriminação, exploração e preconceito que constituem nosso cotidiano massificado.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BENJAMIN, W. **O anjo da história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo**: século XV-XVIII. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DUSSEL, E. **1492**: O encobrimento do outro – a origem do mito da modernidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- GADAMER, H. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- MARTINAZZO, C. J.; SILVA, S. P.; LUFT, H. A atualidade do diagnóstico e da crítica de Darcy Ribeiro (1922-1997) à educação brasileira. **Cadernos de História da Educação**, v. 19, n. 2, p. 481-495, mai./ago. 2020.
- RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- VASCONCELLOS, G. F. **Darcy Ribeiro**: a razão iracunda. Florianópolis: Ed. UFSC, 2015.

*Recebido em: 22 de novembro de 2022.
Aprovado em: 10 de dezembro de 2022.*